

# Eugenio Montale – Quase um devaneio

Renasce o dia, pressinto-o  
no alvor de prata gasta  
pelos muros:  
Uma luz frouxa listra as janelas fechadas.  
Retorna o acontecimento do sol  
mas sem as vozes difusas,  
os estrépitos habituais.

Por quê? Penso em um dia enfeitado  
e da ronda das horas sempre iguais  
me desforro. Transbordará a força  
que em mim crescia, inconsciente mago,  
há tanto tempo. Então me assomarei à janela,  
farei sumir as altas casas, as alamedas vazias.

Terei diante de mim uma paisagem de neve intacta  
mas suave como se numa tapeçaria.  
Deslizará no céu floco um raio tardio.  
Prenhes de luzes invisíveis selvas e colinas  
me farão o elogio dos alegres regressos.

Lerei feliz os negros  
sinais dos ramos contra o branco  
como um alfabeto essencial.  
Todo o passado de uma só vez  
se fará presente.  
Som algum turbará  
essa alegria solitária.  
Riscará o ar  
ou pousará numa estaca  
alguma pega.

**Eugenio Montale, Poesias: Eugenio Montale**